

## RESSIGNIFICANDO A PRODUÇÃO TEXTUAL EM/NA SALA DE EJA

<sup>1</sup>Maria Juliana da Silva  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Mjuliana.ufal@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo apresenta resultados parciais de experiências empíricas baseadas em análises abordadas por FREITAS, MOURA e KOCH, I. V, em seus estudos sobre: O Livro Didático na sala de aula de educação de jovens e adultos e o texto e a construção de sentidos. Tais práticas foram analisadas a partir de observações e interferências numa sala de EJA de 1º segmento, 3º etapa de uma escola da rede Estadual de ensino, que buscou analisar a inter-relação do sujeito trabalhador e estudante da EJA com os múltiplos sentidos, significados e ressignificados dados ao texto e a produção textual utilizadas em sala, se contrapondo a uma mera decodificação textual. Levando em consideração como o professor/mediador utiliza os gêneros textuais a fim de proporcionar uma total produção de sentido ao que o aluno produz, valorizando assim o contexto no qual esse sujeito está inserido, e não usar o texto tão somente como pretexto para fazer uso da gramática pela gramática.

Palavras-chave: Produção textual; Ressignificados; Produção de sentido.

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas e Professora da educação de Jovens e adultos, do 1º segmento, 3ª etapa dessa modalidade de ensino, em uma escola da rede estadual no município de Maceió.

## INTRODUÇÃO

É freqüente o uso de gêneros textuais nas salas de aula de EJA, em especial no 1º segmento dessa modalidade de ensino.

[...] Aprendi rapidamente que ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes.

Manguel 2002, p.33.

Assim como o autor explicita acima a importância da leitura e sua progressão necessária, é preciso nós enquanto professores e professoras da EJA inserirmos em nossas aulas variados tipos de leituras, gêneros textuais e proporcionar momentos em que os alunos possam produzir e reproduzir significantes textos e não usá-los tão somente como pretexto para utilizar a gramática pela gramática.

“A circulação na sala de aula de gêneros textuais se faz apenas como pretexto para o uso da escrita padrão e o estudo de fatos gramaticais; de que a língua é ensinada como código”.

(Paiva, apud FREITAS, 2007, p.7)

A análise em foco teve como pressuposto a seguinte assertiva: *o modelo dos textos utilizados (selecionados) pelos alfabetizadores, e modo como os alfabetizadores utilizam tais textos a fim de contribuir para uma reflexão crítica e uma resignificação relevante produzida pelos educandos, atingindo assim amplas produções de sentidos.* Nesse sentido Abaurre (1991, p. 11-2), explica que “os

primeiros textos escritos [...] não são exemplos verdadeiros e próprios da língua escrita; eles podem ser definidos como escrita apenas no sentido de que foram realizados em espaço gráfico de uma página em branco. Sua estrutura preferencial é, todavia, a da linguagem oral”.

Entende-se que a conseqüência da superioridade da escrita repercute fortemente no processo de alfabetização de jovens e adultos, considerando que os alfabetizandos usam predominantemente, a oralidade, que faz com que sejam encarados como indivíduos de segunda classe, por não terem o domínio da escrita. Compreende-se que faz parte do papel da escola, como uma das importantes agências de letramento, o tratamento da língua escrita, e por isso, é preciso restaurar o equilíbrio em relação à modalidade falada, fato que a escola vem desconhecendo. Para Haverlock (1997, p. 18) é um erro polarizá-las, vendo-as mutuamente como exclusivas e complementa:

A relação entre elas tem o caráter de uma tensão mútua e criativa, contendo uma dimensão histórica – afinal, as sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos sociais com cultura oral - e outra contemporânea – à medida que buscamos um entendimento mais profundo do que a cultura escrita pode significar para nós, pois é superposta a uma oralidade que nascemos e que governa dessa forma, as atividades normais da vida cotidiana. Essa tensão pode por vezes, manifestar-se como tendência em favor de uma oralidade resgatada e, em outras ocasiões - e contrariamente, como tendência em favor de sua total substituição por uma sofisticada cultura escrita.

Consideramos a produção textual uma atividade verbal que compreende estratégias concretas de ação e a escolha das estratégias adequadas está em consonância com a intenção do sujeito e as condições em que se desenvolve a interação verbal. Observamos em nossa pesquisa que a maioria dos textos produzidos em sala de aula pelos jovens e adultos apresenta marcas de interação do sujeito com o seu texto.

## O Texto e a Construção de um Sentido

Entendendo que o espaço da sala de aula é o local, por excelência, onde ocorre – ou deveria ocorrer - o processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita – Foi proposto para os alunos que com base no texto de Bertolt Brecht, “O analfabeto Político”, (após um debate para uma compreensão total do texto), que eles fizessem uma produção textual considerando o que achavam de maior relevância acerca do texto, qual a reflexão crítica que poderíamos fazer através da leitura e discussão textual. Selecionamos duas produções de texto para o *corpus* deste estudo.

1º. *Ser cidadão é vender o voto?*

*Cecidadão não vendi u voto*

*Vedevoto e fala da leisi*

2º *Ser cidadão e onesto comsigo mesmo é não cedezonesto*

*porque pedi a confiança do nosso povo Brasileiro que vota no políticos que quando ele e Eleito ele liga para os eleitoris*

Os textos acima apresentados foram explicitados fielmente, ao que os alfabetizandos produziram.

Conseguimos observar claramente ainda as falhas na escrita, porém enxergamos a compreensão do texto, e o conhecimento de mundo impregnado na fala e materializado na escrita. O professor deve levar em conta fatores *extratextuais*, pois são eles que fornecem as condições de coerência, que foram recuperadas no *corpus* analisado por meio do conhecimento partilhado, conhecimento de mundo e das inferências, têm excessos de repetições de idéias e palavras, que chegam a exceder o necessário para possibilitar a progressão temática, até mesmo pela dificuldade dos alfabetizandos utilizarem recursos anafóricos, de ênfase ou explicação. São caracterizadas como integrantes do gênero primário cotidiano que segundo Bakhtin

(1992), emergem em situações de produções mais simples e mais próximas da palavra falada, apesar de estarem materializadas na língua escrita.

## **METODOLOGIA**

Através de observações e análises das práticas utilizadas em sala de aula da EJA no 1º segmento, 3º etapa em uma escola da rede Estadual de ensino. Posteriormente foram realizadas interferências.

A partir de estudos e análises sobre a importância da produção de sentido através do texto lido e elaborado na sala de jovens e adultos, foi esquematizada ações concretas para estabelecer um trabalho favorecesse uma maior interação do jovem e adulto com diferentes tipos de textos e linguagens. Foi elaborada, em primeira instância uma coleta de variados tipos de textos que (os alunos participaram ativamente selecionando e trazendo textos para a sala de aula, como reportagens, noticiários, receitas de bolo, poemas, poesias, músicas, fábulas, contos, parlendas, leitura de cordel e etc). Em seguida, foi apresentada uma coletânea de variados textos, como textos de Paulo Freire, Bertolt Brecht, Vinicius de Moraes, Machado De Assis, Ferreira Gullar, Graciliano Ramos, Ricardo Azevedo, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Cora Coralina, Cruz e Souza, Guimarães Rosa e etc. Tais textos selecionados e organizados pela Professora de sala; esses autores podem apresentar difícil compreensão para pessoas recém alfabetizadas, porém através deles foi possível suscitar questões norteadoras para travar debates, diálogos, produções escritas, produções oralizadas, individual e coletiva. Utilizando de igual modo imagens com acontecimentos temporais, tendo como objetivo desenvolver a capacidade de concentração, de justaposição e organização dos fatos e acontecimentos a fim de produzir histórias referentes às imagens visualizadas e textos lidos e debatidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fixar limites na discussão deste trabalho, procuramos delinear as questões específicas que emanaram os pontos para reflexões aqui desenvolvidos: que relações se estabelecem entre o sujeito e o texto que produz para a construção de um sentido? Alguns subsídios teóricos nos possibilitaram analisar, discutir e apresentar apontamentos para encontrar uma possível resposta para o questionamento proposto. Encontramos um sujeito que realiza um trabalho *com e na* linguagem (GERALDI, p. 45 1997) e promove sua própria interação social, que recorre ao sistema de conhecimento lingüístico e às estratégias cognitivas que lhe permite construir um texto e nele instituir um sentido.

Considerando as condições de produção concluimos que os alfabetizandos apresentam marcas e características textuais que vão além da simples tarefa de escrever para a escola. Através dos textos eles operam e selecionam informações de um determinado momento sócio histórico e se tornam sujeitos ativos que interagem com a linguagem. Estabelecem por meio de uma das práticas sociais - a aquisição da escrita e a produção textual - relações de envolvimento com o outro, de comunicação e de desenvolvimento de seus conhecimentos. É através da manifestação verbal - o texto - que ocorre uma situação concreta de interação social e para os alfabetizandos muito mais que ler e escrever é tornar-se cidadãos.

## REFERÊNCIAS

FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; MOURA, Tania Maria de Melo; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. O Livro Didático na sala de aula de educação de jovens e adultos: Maceió: FAPEAL, 2007.

FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; COSTA, Ana Maria Bastos. Proposta de Formação de Alfabetizadores em EJA: referências teórico-metodológicas. – Maceió: MEC E UFAL, 2007.

KOCH, I. V. O texto e a construção de sentidos. São Paulo: Contexto, 2000.\_\_\_\_\_.  
Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

